

APRESENTAÇÃO

A produção significativa de eventos comemorativos em torno dos chamados 500 anos de Brasil motiva a *Revista Brasileira de História* a trazer a público o dossiê “Brasil, Brasis”. Distante da efeméride, seu objetivo é estimular reflexão sobre os diversos sentidos que o conceito de Brasil apresentou historicamente. Visando repensar as interpretações do passado, os artigos que o constituem abrem-se para diversidades sociais, econômicas políticas e culturais, abordadas em tempos e espaços múltiplos.

Seu ponto de partida localiza-se no significado dos três séculos de colonização portuguesa que implicaram na configuração de um território, de relações com a metrópole, de uma sociedade colonial e na difusão da língua portuguesa. Na seqüência, busca-se repensar tal herança na atual sociedade brasileira.

O artigo de Seth Garfield abre o dossiê com o estudo das relações entre a população indígena e as políticas nacionalistas do Estado Novo, sobretudo a da Marcha para o Oeste. A partir de uma perspectiva de dupla direção, aborda tanto a política indigenista construída e aplicada por intelectuais e funcionários do governo, quanto a interlocução obtida com seus destinatários. No campo da cultura política situa-se também o artigo de Antônio Penalves Rocha, que analisa a difusão das idéias antiescravistas da Ilustração no Brasil, no início do século XIX, evidenciando a especificidade de sua reconstrução por intelectuais, numa releitura que configura um dos Brasis, o da escravidão e de suas contradições presentes nos movimentos abolicionistas. O artigo de Élio Serpa examina aspectos da cultura política nacionalista durante a Primeira República. Desavindos ou desacordes eram os intelectuais portugueses e brasileiros, na tarefa de produzir representações sobre a antiga colônia. A existência de um “Brasil mental” construído por portugueses teve como referenciais o nacionalismo e o colonialismo; veiculado em periódicos, esse discurso estabeleceu contraponto no diálogo entre a metrópole e as colônias remanescentes na África.

Analisando redes mercantis a partir de contratos e inventários Helen Osório desenvolve pesquisa minuciosa sobre a formação do “grupo mercantil” no Rio Grande de São Pedro, dada pela perspectiva de sua inserção na América Portuguesa. Sua leitura atenta de amplo *corpus* documental resulta na construção temática de um Brasil pouco estudado, em suas relações, por vezes conflituosas, com a elite comercial hegemônica do Rio de Janeiro e com a metrópole.

Dois artigos ampliam o leque das interpretações sobre o Brasil, ao abordarem o campo artístico. O texto de Eduardo Morettin elabora uma interpretação historiográfica do tema do descobrimento cruzando diversos tipos de fontes e de perspectivas analíticas, a historiografia do século XIX, o cinema, as artes plásticas e, completando o circuito, os livros didáticos. A interpretação da produção e circulação da temática inova ao cotejar elementos que permitiram a construção de um quadro de referências no qual a nação brasileira constitui presença obrigatória. Marcos Napolitano e Maria Clara Wasserman dão continuidade aos estudos historiográficos do campo artístico ao analisar metodologicamente as discussões em torno das origens da música popular brasileira. Neste Brasil feito de experiências e de obras musicais, Brasil e samba são sinônimos? Este e outros mitos são desconstruídos ao longo do estudo que tece um quadro polifônico de sons e idéias. O artigo de Luís Felipe Miguel completa o dossiê ao desvendar o Brasil da mídia, produzido pela moderna indústria de comunicação de massas, a qual teve nas últimas décadas impacto decisivo na história política.

Integrado aos estudos das relações entre história e música, José Geraldo Vinci de Moraes abre a seção de artigos ao sistematizar reflexões acerca da avaliação teórico-metodológica da canção popular em termos historiográficos. Indica a necessidade de superação da tradicional história da música por uma abordagem interdisciplinar especialmente promissora ao permitir análises integradas de manifestações musicais em movimentos sociais, abrindo possibilidades de releituras da música/canção popular numa perspectiva de circularidade fornecida pela história cultural. No mesmo sentido de abertura da história às manifestações artísticas e literárias, o artigo de Antônio Paulo Rezende analisa a obra de Octávio Paz. O *Labirinto da solidão* desafia a historiografia a compreender a história como dimensão poética que confronta o antigo e o moderno em sua leitura do mundo.

Finalmente, o artigo de Olga Brites analisa representações sobre a infância e a família construídas pela propaganda durante as décadas de 1930-1950, caracterizando seus vínculos com as questões referentes a higiene e saúde. A análise de anúncios veiculados sobretudo em periódicos fundamenta a abordagem do discurso publicitário, dos valores que foram por ele expressos e de suas propostas de sociedade, seu papel decisivo para a formação de hábitos e a configuração de um imaginário social.